

SOBRE TOQUES, OLHARES E O AS VEZES NÃO VISTO: A CONSTRUÇÃO DOS ROMANCES ENTRE MULHERES EM TELENÓVELAS BRASILEIRAS.

LARISSA DE ARAUJO¹; PROF.^a DR.^a PATRÍCIA SCHNEIDER SEVERO²

¹Universidade Federal do Pampa – larissadearaujo@hotmail.com.br

²Universidade Federal do Pampa – patriciaschneider@unipampa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As telenovelas no Brasil têm seu início registrado em 1951 apenas um ano depois da chegada das televisões, mas antes delas as radionovelas já tinham seu lugar na vida das pessoas. A adaptação desse formato já existente para o novo “espaço” que são as televisões rendeu um elemento que após 70 anos ainda conquista o público sem precisar de um esforço hercúleo para isso.

Pensando na novela com um formato tão apreciado pelo público, nesse trabalho iniciaremos o debate sobre os elementos presentes nas relações amorosas entre mulheres em telenovelas e os desdobramentos na construção das narrativas dessas personagens e suas existências, algumas enquanto lésbicas e outras bissexuais, mas sempre com o foco nas relações ao decorrer dos anos. Para isso passaremos pelos anos 90 antes da virada do século e iremos até a última obra produzida no horário nobre da emissora Globo que contou com a presença desse tema em sua construção. Diferentes autores trabalharam o assunto desde 1988 onde o tema surgiu pela primeira vez na trama da novela Vale Tudo (Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères), de lá para cá algumas coisas mudaram na forma de representar essas tramas, o lugar, e o desfecho delas nas histórias

Compreender as evoluções de representatividade tem sua importância apresentada em elementos documentais como o projeto “Orgulho Além da Tela”, onde a rede Globo decide trazer atores e atrizes para conversar sobre seus personagens LGBTQIA+ em diversas novelas e telespectadores que relataram o impacto dessas produções em suas vidas.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa com foco em apresentar uma análise temporal de mudanças entre telenovelas, usando para isso, referências bibliográficas que discutem sobre os temas de diversidade sexual, televisão e telenovelas. É parte também da pesquisa a análise direta das novelas abordadas no trabalho.

Serão analisadas nas novelas características como arco narrativo das personagens, características físicas, a construção das tramas das mesmas, discussões sobre as sexualidades (lesbianidade ou bissexualidade), possíveis problemáticas para a discussão desse tema pelo público que acompanha as novelas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1950, Assis Chateaubriand, integrante do conhecido “império das comunicações”, Diários Associados, decide trazer ao Brasil a televisão e é a partir desse momento que surge a antiga TV Tupi em São Paulo (BALAN, 2012). Com uma primeira exibição no dia 4 de Julho de 1950 de forma amadora, é assim que começa a história desse importante elemento da cultura brasileira, presente em quase todas as casas e na rotina da maioria dos brasileiros. Desde a chegada desse meio de comunicação foram constantes os esforços para melhorar a qualidade de produção e exibição da programação.

Nesse país onde as radionovelas tinham lugar cativo nas casas, não demorou muito para que fossem pensadas adaptações para as recém chegadas, televisões, a pioneira desse novo formato Gloria Magadan, cubana e autora de *Paixão de Outono* (1965) foi a primeira a ocupar o conhecido “horário nobre” da Rede Globo (MEMÓRIA GLOBO). A partir da consolidação dessa produção o público procurava maior conexão com as narrativas, nesse momento surge espaço para as obras de Janete Clair e Dias Gomes com narrativas próximas da vida cotidiana no interior e nas cidades, elementos comuns na composição de trilha sonora e questões sociais (VICENTE e SOARES, 2016).

Borges (2007) define este tipo de novela como “novelas de intervenção”, o modelo que aborda questões políticas enquanto apresenta uma semelhança com a realidade para construir a identificação com o público. Partindo dessa noção, entendemos que a novela é um produto do meio em que está inserida, mesmo que a premissa da obra seja a de representar outros momentos da história, ou esteja baseada em narrativas de livros, etc. Seguindo as análises da autora a teledramaturgia está inserida num ambiente midiático o que faz com que hajam algumas implicações, esse lugar tem um papel crucial na manutenção de valores e significados de forma homogeneizada, o que afeta o acesso ao que é diferente, plural. Assim, nessa função de reforçar o que é “comum” ou, nesse caso, o que é heterossexual, podem ocorrer situações como exclusão, rejeição ou desvalorização ao ser colocada como “oposição” à Heterossexualidade. Nessa disputa de valores, acaba sobrando para as outras identidades o dever de reforçar a “normalidade”, o que acaba rendendo personagens caricatas, alívio cômico da heteronormatividade (comum em personagens gays) ou exemplos de sofrimentos que podem ser evitados.

Em 1988 há a primeira aparição da lesbianidade como tema em uma produção de telenovela, de lá para cá, pouco mais de 20 novelas trouxeram essa discussão, em *Torre de Babel* (1998) apesar da relação entre as personagens Leila e Rafaela não ser mostrada como os outros casais heterossexuais, a rejeição do público fez com que o autor matasse-as precocemente na história, em um caminho completamente diferente a novela *Um Lugar ao Sol* (2021), ao ser gravada toda antes da exibição, não houve interferência da opinião popular no desenvolvimento e as personagens Gabriela e Ilana não só contaram com uma evolução na relação como também tiveram o seu “final feliz”. Apesar das diferenças também houveram elementos comuns entre as personagens como a relação com o mercado da moda, serem mulheres mais maduras e as relações diretas com personagens dos núcleos principais das novelas.

Enquanto algumas novelas se contrapõem em pontos cruciais, outras acabam repetindo os mesmos elementos para reforçar uma ideia, mesmo que equivocada. Em *Mulheres Apaixonadas* (2003) e *O Segundo Sol* (2017), faz parte

do conflito das relações o envolvimento com homens como forma de “confirmação” da lesbianidade das personagens, como se essa fosse a única forma para compreensão da própria sexualidade dando vazão para os comentários populares de que homossexuais só são assim por não conhecerem a “pessoa certa”. É em escolhas narrativas como essa que noções preconceituosas continuam se perpetuando e encontrando o apoio necessário.

Abolir conceitos ultrapassados e representar as evoluções dos debates sociais é comum nas telenovelas mas ainda existem passos a serem dados para a consolidação de uma representatividade saudável nos diversos pontos da sociedade que há muito são marginalizados.

4. CONCLUSÕES

Assistir televisão não é apenas um entretenimento vazio, é importante compreendermos o impacto do discurso construído nas produções sobre o imaginário da sociedade. São mais de 70 anos de produção televisiva no Brasil e mesmo com o surgimento de novos espaços como os *streamings* ou com o crescimento da internet, a TV não deixou de ser “queridinha” dos brasileiros, a mesma ainda ocupa importante espaço nas casas e nas vidas das pessoas.

Por ocupar lugar cativo nas rotinas, a telenovela também torna-se elemento de formação de opiniões e manutenção de discursos da sociedade. Partindo dessa compreensão, é necessária a remodelação das personagens para caberem nos contextos sociais a partir das mudanças ocorridas ao longo do tempo nos conceitos da sociedade.

A qualidade do tempo de tela e sair do lugar de núcleo cômico ou de puro sofrimento são alguns dos caminhos possíveis para melhorar a concepção social sobre essas existências, de 1988 para cá são mais de 30 anos de mudança, natural que as produções audiovisuais sigam mudando também.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALAN, Willians Cerozzi. Um Breve Olhar pela Evolução da TV no Brasil, parte 1.

São Paulo: **Revista Produção Profissional**, Editora Bollina, abril 2012.

BORGES, Lenise Santana. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: **Garamond**, p. 363-384, 2007.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. 2011, n. 82, pp. 61-86. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ln/a/b4TLvPwvSfT4DfSnJqJ3fvQ/?format=pdf&lang=pt>>.

Epub 18 Maio 2011. ISSN 1807-0175. Acesso em: 19 mar. 2022.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. **VII Encontro Nacional de História da Mídia**, 2009

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: **IBGE**, 2015. 106p. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=294541> Acesso em: 20 jul. 2022.

RAUS, Maria Angela. **Telenovelas mexicanas e desenvolvimento narrativo: um estudo de caso**. 2015. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso em Mídia, Informação e Cultura - CELACC/USP, São Paulo, 2015. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/raus_m.a._final_site.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

VICENTE, E.; SOARES, R. **Entre o rádio e a televisão: gênese e transformações das novelas brasileiras**. E-Compós, [S. l.], v. 19, n. 2, 2016.

DOI: 10.30962/ec.1309. Disponível em:

<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1309>. Acesso em: 19/03/2022.